

Ciberteologia: A relação entre comunicação e fé no ambiente digital

Cybertheology: The relationship between communication and faith in the digital environment

Rodolpho Raphael de Oliveira Santos*

Resumo

Por meio da clássica afirmação de McLuhan “o meio é a mensagem”, entendemos que o Verbo Encarnado é o meio e a mensagem. Jesus Cristo é o sacerdote, o altar e o cordeiro que, ao se entregar por puro amor aos seres humanos, lhes comunica a salvação. Este artigo objetiva identificar os principais atores (criadores e receptores) do processo de evangelização no ciberespaço, discutindo a relação entre comunicação e fé com base nos efeitos da cultura digital sobre a teologia. Utilizamos o conceito de ciberteologia e lançamos luz à compreensão teológica, à renovação da linguagem e ao método de transmissão da fé no contexto contemporâneo.

Palavras-Chave:

Comunicação;
Ciberteologia; Teologia; Fé

Abstract

Through McLuhan's classic statement “the medium is the message”, we understand that the Incarnate Word is the medium and the message. Jesus Christ is the priest, the altar and the lamb who, by giving himself for pure love to human beings, communicates salvation to them. This article aims to identify the main actors (creators and recipients) of the process of evangelization in cyberspace, discussing the relationship between communication and faith based on the effects of digital culture on theology. We use the concept of cybertheology and shed light on theological understanding, language renewal and the method of transmitting faith in the contemporary context.

Keywords:

Communication;
Cybertheology; Theology;
Faith;

*Mestre em Computação, Comunicação e Artes pela UFPB, Especialista em Mídias Digitais, Comunicação e Mercado pela CESREI Faculdade; Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela UEPB, Graduando em Filosofia e Teologia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Professor Substituto da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e Coordenador dos Cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo da Faculdade Internacional da Paraíba - FPB Contato: professorpb@gmail.com

Enviado em
05.01.2020
Aprovado em
18.08.2020



Introdução

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez (João 1. 1 -3).

O Verbo de Deus, ao se fazer carne e habitar entre nós, mostra-nos a importância do *logos* (Palavra) e seu poder transformador. Desta forma, Jesus Cristo torna-se não apenas a imagem do Deus invisível que assume a condição humana para curá-la de tudo aquilo que a separa Dele, mas também para permitir-nos chamá-lo, no seu Filho Unigênito, com o nome de “Abba, Pai” e sermos verdadeiramente filhos seus.

Neste sentido, Ele torna-se o modelo perfeito de comunicador do Pai, que se preocupa em anunciar o querigma do Reino e a Boa Nova à vida das pessoas, tendo como meta principal produzir a comunhão entre elas e Deus, haja vista ter autoridade e poder, por suas palavras e gestos, de ensinar e transmitir os valores do Reino, levando as pessoas à Salvação.

Com efeito, é no evento ‘Jesus Cristo’ que o projeto salvífico chega ao seu extremo e perfeição. Depois de sua Páscoa, os apóstolos recebem a missão de anunciar e testemunhar o Evangelho perpetuando até os dias atuais nos quais a Igreja assume este trabalho, pois é Ela o depósito da fé e a comunicadora por excelência, convocando a Igreja a anunciar o Evangelho, com um mandato que é sempre novo.

Numa sociedade hedonista e individualista na qual a cultura do ‘eu’ prevalece, o cerne reside na liquidez das relações (BAUMAN, 2015), cada vez mais superficiais, ocasionando que os indivíduos se aproximem de quem está distante e distanciem-se daqueles que estão perto. Desta forma, a Igreja tem nas plataformas do ciberespaço a oportunidade de envolver-se e aprimorar o elo de comunicação entre Ela, Jesus Cristo e seus fiéis.

É a partir do surgimento desta comunicação dialógica e em rede, reflexo

da tecnologia da informação, da globalização, do ciberespaço¹ e de uma cultura convergente, que encontramos uma quebra paradigmática da forma de evangelização nos últimos anos, evidenciada por meio das catequeses que nesta nova era midiática não atinge mais as pessoas, muito menos os jovens que são os principais artífices deste cenário de hiper-realidade e virtualidade.

É evidente que o ciberespaço emerge como uma espécie de território sem fronteiras geográficas, não há temporalidade, muito menos espacialidade, controles e/ou hierarquias. O que existe é uma comunicação bidirecional de todos para todos, na qual os usuários comunicam-se entre si e tem a oportunidade de se desterritorializar, de romper as fronteiras físicas e adentrar os espaços virtuais, gerando certa influência das redes no comportamento humano por conta de experiências vivenciadas.

Com tais mudanças de época, a Igreja também se insere neste espaço, aproveitando a oportunidade e o desafio de criar um novo ardor missionário e uma mistagogia do amor de Deus revelado em seu filho Jesus Cristo que é sensível à realidade humana, agora em um emergente espaço: As plataformas de Redes digitais que na ótica de Bento XVI são chamadas a concretizar os laços de unidade mesmo diante da distância física. Ao mesmo tempo, os usuários que nelas participam devem buscar a autenticidade, porque nestes espaços não se partilham apenas ideias e informações, mas em última instância, a pessoa comunica-se a si mesma.

Surge, assim, a Ciberteologia, conceito criado pelo teólogo italiano Antonio Spadaro que afirma que o cristão imerso nas redes on-line chama-se a uma autenticidade de vida muito desafiadora tendo em vista que Internet e Igreja são realidades sempre destinadas a se encontrarem.

Postas estas considerações, o presente artigo tem como objetivo identificar os principais atores (criadores e receptores) do atual processo de evangelização no ciberespaço, discutindo a relação entre comunicação e fé com base nos efeitos da cultura digital sobre a teologia e a esta nova maneira de teologizar.

1. O ciberespaço gibsoniano é uma “alucinação consensual”. A Matrix, como chama Gibson, é a mãe, o útero da civilização pós-industrial onde os cibercosmonautas vão penetrar. Ela será povoada pelas mais diversas tribos, onde os cowboys do ciberespaço circulam em busca de informações. A Matrix de Gibson, como toda a sua obra, faz uma caricatura do real, do cotidiano (LEMOS, 2008, p.127)

Deus pode habitar no Ciberespaço?

Essa é uma pergunta que nos últimos tempos a sociedade faz, tendo em vista que Deus é onisciente, onipresente e onipotente e que sua revelação aos homens acontece em um tempo determinado, em um espaço específico e em uma realidade concreta. Entendemos que a tecnologia é formada para suprir novas ações e, por isso, transforma uma série de costumes e valores da sociedade agregando-se à cultura. No entanto a própria Internet marcou a civilização contemporânea de tal maneira que é possível chamar o momento atual não apenas de uma época de mudanças, mas ainda de uma mudança de época. Tamanha transformação se compara aos grandes acontecimentos da história humana que fizeram eclodir um mundo novo cheio de possibilidades.

Entre elas, encontramos a revolução das relações sociais que perpassaram a web 1.0 marcada pelo surgimento de sites comerciais sem nenhum processo de interação com os usuários; a web 2.0 constituída pela criação das redes virtuais que fizeram dos usuários membros de uma sociedade midiaticizada e em rede, seguido da web 3.0 que consiste em algo além da interatividade portando como principal característica a capacidade de máquinas assumirem determinadas atividades que até então eram realizadas manualmente.

Inicialmente, entendeu-se a Internet como um novo meio de comunicação e, ainda hoje, essa concepção está presente na maior parte das mentalidades. Todavia é perceptível que este conceito é insuficiente para descrever toda a natureza das redes. É necessário definir melhor o que é a rede, a Internet e o ciberespaço. A rede não se configura apenas como um instrumento de comunicação. Na verdade, é uma nova ambiência de comunicação e de relacionamento humano que está dentro do mundo real. Por ser um ambiente desterritorializado, o ciberespaço está em todos os lugares e perpassa a vida cotidiana, ou seja, não existe dualidade entre mundo físico e digital, ambos fazem parte de uma mesma realidade.

Para Lemos (2004), o ciberespaço é um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível, caracterizado pela ubiquidade, pelo tempo real e pelo espaço não-físico. É um espaço transacional que não é desconectado da realidade, mas um complexificador do real, isto é, uma entidade real, parte vital da cibercultura, que, como uma lupa, aumenta nossa percepção sobre a realidade.

Ao falarmos desta transição que a sociedade viveu nos últimos tempos, usamos da concepção de Castells, no que diz respeito à sociedade em rede como uma estrutura social que se baseia em redes operacionalizadas por tecnologias de comunicação e informação, formando redes digitais que geram, processam e distribuem a informação que se encontram nos nós dessas redes, haja vista que as “redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de performance para a rede” (CASTELLS, 2009 p.20).

O ciberespaço é uma nova forma de experimentar o saber, de se relacionar e de se comunicar. Podemos dizer que ele é uma maneira criativa de anunciar-comunicar a Boa Nova, tendo em vista que a força da Internet está na sua descentralização e nas milhões de interconexões, dirimindo um ponto crítico único. Se um caminho fica indisponível, seus dados seguem por outro segmento. Na cooperação mútua, os internautas fazem a rede acontecer. Assim, a Internet é um acontecimento humano. O Papa Francisco partilha dessa mesma linha de pensamento e afirma que a Internet pode ser um lugar rico em humanidade, pois a rede não é constituída por fios, cabos, aparelhos, mas por pessoas humanas.

Ao mesmo tempo, Bento XVI (2013) afirma que o desenvolvimento das redes requer dedicação, pois as pessoas envolvem-se nelas para construir relações, buscar respostas para as suas questões, divertir-se, mas também para serem estimuladas intelectualmente a partilhar competências. As redes sociais virtuais tornam-se cada vez mais parte do tecido da sociedade enquanto unem as pessoas na base de necessidades fundamentais e passam a ser alimentadas por aspirações radicadas no coração do homem.

Embora a relação da Igreja Católica com os meios de comunicação seja historicamente complexa, ela sempre se interessou pela comunicação, “segundo os critérios e cultura da época, bem como o grau de compreensão da Igreja em cada período” (PUNTEL, 2011, p. 222). Em nível teológico, é profunda a relação entre a comunicação e espiritualidade. Spadaro diz que:

O Cristianismo é fundamentalmente um evento comunicativo. Tudo na revelação cristã e nas páginas bíblicas transpira comunicação: os céus narram a glória de Deus, os anjos são seus mensageiros e os profetas falam em seu nome. A sua maneira tudo – anjos, sarça ardente, mesas de pedra, sonhos, asnos, tons, sussurros e sopros

de vento ligeiro – pode se tornar um dos meios que realizam essa comunicação. (SPADARO, 2012, p. 24).

Um verdadeiro marco nessa trajetória entre igreja e comunicação é o Concílio Vaticano II, que buscou fomentar uma aproximação da igreja com o mundo pós-moderno. Entre os assuntos tratados, os meios de comunicação tiveram destaque no decreto *Inter Mirifica* publicado em 1963. Aqui a Igreja passa a olhar para os novos meios como “maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus” (IM 1).

No decreto, a Igreja não deixa de chamar a atenção para a necessidade do “reto uso” dos meios de comunicação e denuncia as consequências ruins à sociedade humana quando tais meios não são bem utilizados. Mesmo assim, a igreja reconhece os valores positivos das mídias, encoraja a participação consciente dos fiéis católicos nesse ambiente e institui o Dia Mundial das Comunicações.

Ao mesmo tempo, a *Gaudium et Spes*, nº 36, afirma que todas as coisas criadas possuem consistência, verdade, bondade e leis próprias que o homem deve respeitar. Esse reconhecimento evita a interpretação meramente utilitarista do ciberespaço sobre a identidade e essência da Internet que, por sua vez, torna-se instrumento de evangelização e um fator de desenvolvimento humano, reforçando o sentido da sua unidade efetiva com a comunidade universal dos fiéis.

Para Bento XVI (2013)², as redes facilitam a partilha dos recursos espirituais e litúrgicos e torna as pessoas capazes de rezar com um revigorado sentido de proximidade àqueles que professam a sua fé:

O envolvimento autêntico e interativo com as questões e as dúvidas daqueles que estão longe da fé, deve-nos fazer sentir a necessidade de alimentar, através da oração e da reflexão, a nossa fé na presença de Deus e também a nossa caridade operante: «Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine» (1 Cor 13, 1).

Em outras palavras, no ecossistema digital existem redes sociais que ofe-

2. Mensagem em Alusão ao Dia Mundial da Comunicações – 2013.

recem ao homem atual oportunidades de oração, meditação ou partilha da Palavra de Deus. Mas estas redes podem, também, abrir as portas a outras dimensões da fé e, assim, procurar tornar o Evangelho presente no ambiente digital.

Desta forma, se a comunicação faz parte da natureza humana, o comunicador católico de hoje, ao vivenciar a dimensão da fé, é chamado a viver em sintonia com a espiritualidade. Deve haver coerência entre a vida pessoal e o anúncio da verdade e da Palavra. Ao comunicar, ele não só transmite sua vida, mas também testemunha o que a Igreja precisa oferecer.³

Da Cibercultura à Ciberteologia

Visto que a Internet é um lugar antropológico, entendemos o ciberespaço como uma interface onde se encontra tanto o profano quanto o sagrado. Lemos (2004) acredita nessa construção: “O ciberespaço pode ser visto como um espaço sagrado, lugar de movimentação de conhecimentos e de informações, um espaço de encruzilhadas”. Para ele, o ciberespaço deve ser compreendido como um rito de passagem da era industrial à pós-industrial, da modernidade dos átomos à pós-modernidade dos bits. Desde o surgimento da web, a imagem da rede como lugar do espírito sempre esteve presente.

Essa dimensão sagrada se evidencia pela presença religiosa na rede desde a sua criação. Campbel (2008) conta que por mais de três décadas a Internet tem sido usada como um espaço em que rituais espirituais são conduzidos e tradicionais crenças religiosas são discutidas. Isso reforça o pensamento de que as religiões acompanham o caminhar da espécie humana, até mesmo nas transformações comunicacionais e tecnológicas.

Tal presença na Internet, permite despontar o conceito de ciberteologia, que busca unir à cibercultura os elementos teológicos da sociedade. Spadaro define a ciberteologia como:

[...] a inteligência da fé em tempos de rede, isto é, a reflexão sobre a ‘pensabilidade’ da fé à luz da lógica da rede. Referimo-nos à reflexão que nasce da pergunta sobre o modo no qual a lógica de rede, com suas potentes metáforas que trabalham o imaginário, além da inteligência, possa modelar a escuta e a leitura da Bíblia, o modo de com-

3. Diretório de Comunicação da Igreja do Brasil – Documento 99 da CNBB.

preender a Igreja e a comunhão eclesial, a Revelação, a liturgia, os sacramentos: os temas clássicos da teologia sistemática. A reflexão é importantíssima porque resulta fácil constatar como a Internet cada vez mais contribui para construir a identidade religiosa das pessoas e se isto é verdadeiro em geral, será cada vez mais para os chamados ‘nativos digitais’. (SPADARO, 2012, p.40).

A revolução digital influencia o exercício da fé, não só devido às novas possibilidades de evangelização através da rede, mas sobretudo pelos pontos de contato e de interação produtiva que existe entre a rede e o pensamento cristão. Se a Internet muda a forma do ser humano pensar, muda como se pensa a fé, amplificando as potencialidades do seu exercício, modificando a forma como se reza e ultrapassando as fronteiras da própria religião.

Isso pode ser verificado nos inúmeros fenômenos religiosos encontrados no meio digital, como Missas ao vivo, portais, aplicativos religiosos e até grupos de oração. Com a Internet, o que é religioso ou teológico ganha novas dimensões. Por isso, a pergunta fundadora da reflexão ciberteológica é: “se as [...] tecnologias digitais modificam o modo de comunicar e até mesmo de pensar, qual o impacto que terão no modo de fazer teologia?” (SPADARO, 2012, p. 39).

Não pretendemos, assim, promover uma reflexão sociológica sobre a religiosidade na Internet, mas apresentá-la, na visão de Spadaro, como fruto da fé que emite de si própria um impulso cognitivo em um momento em que a lógica da rede marca a maneira de pensar, conhecer, comunicar, viver.

Em outras palavras, as redes sociais on-line não dão expressão a um conjunto de indivíduos, mas a um conjunto de relações entre indivíduos e este conceito não é mais a ‘presença’ na Internet, mas a ‘conexão’ onde a sociedade digital não é mais concebível e compreensível somente por intermédio dos conteúdos. Não há, em princípio, as coisas, mas as pessoas. Há, acima de tudo, as relações: a troca dos conteúdos que ocorre nos relacionamentos entre os usuários. A base relacional do conhecimento na Internet é radical e dela derivam desafios e perspectivas interessantes para a Igreja.

A Experiência Humana da Fé no Ambiente Digital

É nas redes sociais virtuais que podemos dizer que encontramos a Religião vivida, o que nada mais é do que uma forma de perceber elementos, conteúdos e formas religiosas na esfera dita “profana”, ou seja, fora da instituição religio-

sa, do culto e da própria esfera sagrada. Nas manifestações da religião vivida, diluem-se as próprias fronteiras entre o sagrado e o profano. Importa, sim, o uso que as pessoas fazem de seus conteúdos e formas, assim como a função da religião na vida cotidiana concreta

Neste sentido, a Ciberteologia não começa a tomar forma por acaso. Ela é o fruto de um ambiente que foi pré-moldado por meio de momentos distintos da história da humanidade, cujo ápice é a criação da Internet. Onde existe interação humana, há a possibilidade da prática religiosa. Temos na ciberteologia, a inteligência da fé nos tempos das redes on-line.

Tal experiência da Igreja permite visualizar a ciberteologia como teologia dos significados da comunicação social em tempos da Internet e das tecnologias avançadas, como também nos permite fazer uma reflexão pastoral da forma de comunicar o Evangelho com as capacidades próprias do ecossistema virtual, interpretando como um mapa fenomenológico da presença do religioso na Internet.

Esta relação dialógica permite que por meio desta ruptura cultural, presente na “hipermodernidade, na qual de um lado, os valores criados se tornaram exacerbados e elevados de forma exponencial e, do outro, Deus é revelado e representado no ciberespaço, permite que a Teologia se adapte, se expresse e se faça presente no ambiente digital e este, por sua vez, se torne lugar teológico.

É possível pensar a Internet como uma metáfora para compreender a Igreja, naturalmente sem acreditar que ela possa ser abrangente? Certamente, o relacionamento da rede funciona se as conexões (links) estiverem sempre ativas: se um nó ou uma conexão fosse interrompido, a informação não passaria e a relação seria impossível.

A reticularidade da videira, em cujos ramos nodosos a própria seiva flui, não está muito distante da imagem da Internet. A partir disso, entendemos que a rede pode ser uma imagem da Igreja, na medida em que se a entende como um corpo que é vivo e todas suas relações internas são vitais. Então a universalidade da Igreja e a missão de anunciar “a todas as gentes” reforçariam a percepção de que a rede possa ser, de algum modo, um modelo de valor eclesiológico.

No entanto algumas questões permanecem em aberto. A principal funda-se sobre o fato de que a rede pode ser compreendida como um tipo de gran-

de texto auto referencial e, portanto, meramente horizontal: não há raiz nem ramos e, conseqüentemente, constitui um modelo de estrutura fechada em si mesma. A Igreja, ao contrário, não é uma rede de relações imanentes, mas sempre tem um princípio e um fundamento externo.

Para Spadaro (2012), a reflexão ciberteológica é sempre um conhecimento refletido com base na experiência da fé. Ela permanece teologia no sentido que responde à fórmula *fides quaerens intellectum*⁴. Ao mesmo tempo, a ciberteologia reflete sobre uma vida hipercomunicativa que ajuda a Igreja a compreender o que ela própria é, o seu mistério. Por outro lado, a Igreja ajuda a Internet a entender a si mesma no projeto de Deus. Essa é a maior contribuição da Igreja para a rede, pelo menos de seu próprio ponto de vista: ajudar o homem a compreender que, na experiência que vive, há a ação de Deus que move a humanidade em direção a uma realização.

A Internet, com a sua capacidade de ser, pelo menos potencialmente, um espaço de comunhão, faz parte da jornada do homem em direção a essa realização em Cristo. Torna-se fulcral, portanto, um olhar espiritual sobre a rede, vendo que Cristo chama a humanidade a ser sempre mais unida e conectada.

Desta forma, o catecismo da Igreja Católica nos aponta que o desejo de Deus está inscrito no coração do homens, já que o homem é criado por Deus e para Deus e Este não cessa de atrair o homem para si e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar, incluindo a nova ambiência onde também podemos encontrar Cristo, que é a verdadeira e eterna alegria.

Este novo ambiente torna-se um lugar teológico. É importante ressaltar que esta afirmação é fundamentada nos sinais dos tempos⁵ e precisamos distinguir

4. *Fides quaerens intellectum* é o lema pelo qual é conhecido o pai da Escolástica, Santo Anselmo de Cantuária. A mudança de rumo do pensamento medieval que tem início com Anselmo é, contudo, uma reinterpretação de uma longa tradição que harmonizou a cultura clássica, especialmente a grega, com a mensagem cristã. Este primeiro movimento do pensamento cristão, conhecido por Patrística, e que termina no século VIII, é ainda o grande referencial para o arcebispo de Cantuária. Ao menos no elemento comum a todo o período medieval: a relação entre razão e fé.

5. A GS 4,1 entende os sinais dos tempos como os fenômenos que, por razão da sua universalidade e frequência, caracterizam a época e por meio dos quais se exprimem as necessidades e anseios da humanidade contemporânea. Dessa maneira, a modernidade, sensível às angústias e esperanças do homem, veio a pôr em evidência a experiência humana como lugar teológico, enquanto lugar de sentido. O Concílio Vaticano II ao falar da teologia dos "sinais dos tempos", legitimou o fazer teológico a partir das realidades temporais.

no curso dos acontecimentos aqueles aspectos que podem dizer algo a respeito da providência e que sirvam de indicação ao Reino de Deus, ou seja, campos que manifestem os propósitos de Deus, que sejam chaves hermenêuticas para a compreensão da economia cristã, a fim de descobrir a presença da Palavra de Deus no decorrer da história e sinais dos propósitos de Deus nos acontecimentos, nas necessidades e nas aspirações dos homens contemporâneos.

O ciberespaço conforma uma cultura e uma comunidade global na qual a humanidade se expressa e se relaciona, se encaixando no conceito teológico dos sinais dos tempos. Cremos que a Internet, como ambiente de comunicação e de relação social inerente à realidade humana, deve ser discernida teologicamente e merece um olhar positivo, pois “Deus viu [...] que tudo era bom”. Logo, a rede deve ser encarada como “dom de Deus”, tendo como ponto de partida a teologia da criação.

Em outras palavras, o ser humano não criou a Internet a partir do nada, não foi uma *creatio ex nihilo*⁶. Ao contrário, ele manipulou os materiais já existentes e produziu a técnica através do intelecto com que Deus o proveu. Para Martinez (2009, p.491), “a matéria não é ruim. É criatura de Deus e, como tal, tem uma bondade que lhe é essencial e anterior a toda a manipulação por parte do homem [...] A Igreja, antes de qualquer um, é obrigada a aceitar e respeitar essa bondade das realidades terrenas Assim, com a invenção das novas tecnologias demonstra-se o desígnio divino para a pessoa humana ser artífice da criação e o mal não provém do interior da matéria, mas do seu uso indevido por parte do ser humano.

Tal afirmação nos permite manifestar a necessidade de a Internet ser discernida teologicamente, haja vista que a rede deve ser vista como um potencial caminho de realização da vocação coletiva do homem – a comunhão entre os seres humanos.

E se a Internet modificou a forma como o ser humano pensa, mudou também como se exercita a fé. Se a teologia é entendida como *intellectus fidei*, pensar a fé e a rede transformou o modo que se faz teologia na civilização contemporânea. Assim, a ciberteologia não é um estudo social sobre religião e Internet, mas teologia: “resultado da fé que libera de si mesma um impulso cognitivo num tempo em que a lógica da rede assinala o modo de pensar, conhecer, co-

6. Frase em latim que significa “do nada”

municar, viver” (SPADARO, 2012, p. 41).

Ainda segundo Spadaro, a única via de estudo ciberteológico é a experiência da fé e da rede. Se não se faz a experiência da rede, não se pode compreendê-la e nem realizar uma reflexão teológica expressiva. Desta forma, o método da ciberteológica tem quatro etapas: experiência, reflexão, ação e avaliação, semelhantes ao método de ver, julgar e agir.

Toda esta discussão nos permite pensar que se existe a ciberteologia, a Internet como lugar teológico, temos também um lugar Cristológico, pois Deus além de habitar na linguagem humana no momento da encarnação do verbo, passa a habitar no ciberespaço, haja vista a linguagem humana ser também cibernética no contexto atual.

Para corroborar esta afirmação, Bento XVI, em sua exortação apostólica *Verbum Domini*, apresenta um elemento motriz:

“No mundo da Internet, que permite que bilhões de imagens apareçam em milhões de monitores, deverá sobressair o rosto de Cristo e ouvir-se a sua voz, porque, se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem”. (BENTO XVI, 2005).

Outro fator que nos permite entender as dimensões teológicas no ciberespaço é que ele também se torna um lugar antropológico, tendo em vista que Internet não é apenas o habitat dos nativos virtuais, mas um lugar em que a humanidade pode realizar seu chamado universal, tornando-se um lugar eclesiológico que, na visão de Spadaro (2012), tem como cerne a Igreja que se encontra espontaneamente onde o homem estiver ampliando seu conhecimento e suas relações, visto que em toda a sua história, a Igreja se fundamenta sobre duas colunas: o anúncio do Evangelho e as relações de comunhão.

Considerações Finais

Os desafios para uma evangelização com base na ciberteologia não são pequenos, evidenciando possibilidades urgentes e necessárias. Devemos nos fazer presentes no novo mundo que se descortina na atual sociedade (mundo virtual) ou estaremos automaticamente nos excluindo do futuro da história da humanidade.

Esta mesma história que nos apresenta a fé cristã não apenas como uma fé descendente da fé judaica já inculturada, marcada pela interação com outras

culturas (egípcia, mesopotâmica e cananea) como ela própria enseja elementos da fé e da cultura helenista – elementos que são utilizados para traduzir o dado revelado de maneira que fosse compreendido e acolhido pelos judeus da diáspora e pelos pagãos.

No contexto hodierno, por exemplo, é fundamental valorizar ao máximo a categoria e a prática do testemunho. O cristão que vive imerso nas redes sociais digitais é chamado a uma autenticidade de vida muito desafiadora: ela afeta diretamente o valor das suas habilidades de comunicação.

Em outras palavras, as redes on-line são um ambiente em que formamos nosso pensamento, onde vivemos nossas relações e expressamos nossa fé. Neste ponto, precisamos pensar teologicamente as redes. A teologia se ocupou da comunicação e, por isso, existe a teologia da comunicação, isto é, o que significa teologicamente comunicar. Portanto o processo se inicia com Deus, pois Deus não é sozinho, ele é Trindade, é comunicação. Além disso, existe a reflexão teológico-pastoral da comunicação. Deve-se fazer teologia da comunicação, mas a comunicação não é mais uma coisa que difere da vida.

Spadaro (2012) explica que refletir teologicamente sobre a comunicação é fundamental, mas não basta, é preciso dar um passo adiante. A lógica da rede, com suas poderosas metáforas, trabalha o imaginário e a inteligência, por isso carecemos entender como ela pode modelar a escuta da Palavra de Deus, a forma de se compreender a Igreja, o significado da comunhão eclesial, a Revelação e os temas clássicos da teologia sistemática. A ciberteologia não é uma teologia da comunicação, não aborda a comunicação, mas a vida hipercomunicativa que se tem hoje.

A ciberteologia é sempre um conhecimento que parte da experiência pessoal de fé, da experiência na qual é plasmada a consciência da própria rede. Se realmente a rede muda a lógica do pensamento, os teólogos são chamados a pensar a fé sob a ótica das redes e mídias sociais virtuais.

Temos que reformular a linguagem simbólica que fala de transcendência. Precisamos de novos símbolos. A Igreja não é chamada a ser contemporânea, é convidada a algo muito maior: a interpretar teologicamente a rede, a compreender como este fenômeno gigantesco está presente no plano de Deus para a humanidade. Qual é a vocação das redes on-line no projeto de Deus para a humanidade?

Esta é a tarefa para a qual somos chamados. Isso está muito presente na consciência da Igreja ciente da inteligência coletiva que se experimenta nas redes que é fruto de uma forma de experiência de comunhão. Por fim, a Internet pode e deve ser um meio complementar e potencializador para evangelização, porque é um meio de comunicação interativa, dinâmica e síncrona que a juventude atual-real faz uso para discutir, aprender, ensinar, investigar, contestar, estabelecer laços e ampliar a realidade real. O real para o jovem é a realidade, a virtualidade e a hiper-realidade, por isso se não formos capazes de nos inserir no virtual, também não seremos mais capazes de nos comunicar com a juventude em redes on-line.

Jesus Cristo é o encontro mais pleno alcançado entre Deus e o homem. O Verbo Encarnado não apenas desvela o ser de Deus, revelando o ser humano a si mesmo. Jesus, Supremo Comunicador do Pai, optou por um processo dialógico de comunicação que se apresenta como um modelo básico para os projetos de comunicação de sua Igreja. Ele mesmo nos diz: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura.” (Mc 16,15).

A Internet é somente uma nova linguagem – por vezes uma nova língua também –, nos permitindo a possibilidade de ir por todo o mundo e anunciar a Boa Nova para toda a criatura de uma nova e criativa maneira (“os que tiverem crido (...) falarão em novas línguas”, cf. Mc 16,17). A Internet veio para interpelar nossa fé e nossa tradição, pois apesar do grande potencial comunicativo, ela também se alicerça sobre a descentralidade da sociedade líquido-moderna que fragmenta, divide e pulveriza o dado da fé.

Através da clássica afirmação de McLuhan, “o meio é a mensagem”, entendemos que o Verbo Encarnado é o meio e a mensagem; Jesus Cristo é o sacerdote, o altar e o cordeiro que, ao se entregar por puro amor aos seres humanos, lhes comunica a salvação. O Filho, único intermediário entre o divino e o humano é, por conseguinte, a comunicação perfeita e eterna que une Deus às suas criaturas, hoje e sempre. É parte constituinte da identidade comunicativa da Igreja a missão do Verbo Encarnado anunciar a Palavra Eterna do Pai em toda a sua verdade e profundidade. Dessa forma, a Igreja é e faz comunicação.

É o próprio Jesus Ressurreto que ordena aos apóstolos que saiam pelo mundo a evangelizar (Mc 16,15). Nos tempos atuais, esse pedido ainda está em voga, pois a Igreja é chamada a exercer uma “diaconia da cultura” também

digital. Assim, a ciberteologia traz luz ao entendimento teológico e a uma renovação da linguagem e do método de transmissão da fé, traduzindo a sua mensagem às gerações contemporâneas.

A ciberteologia não se enquadra em uma teologia de cima para baixo ou de baixo para cima. Ela possui a dinâmica própria da cultura digital, a *peer-to-peer*, isto é, de nó a nó, de pessoa a pessoa. Mais do que horizontal, a ciberteologia segue a dinâmica do hiperlink para dentro e para fora, para frente e para trás, em todas as direções. Portanto a ciberteologia tem mais facilidade em dialogar e compreender o ser humano hipermoderno, haja vista estar inculturada na lógica da sociedade em rede.

Referências

- AMARO DA SILVA, Aline. Ciberteologia: teologia no cenário contemporâneo global. In: Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, 28. 2015. Belo Horizonte. **Anais do Congresso da SOTER**. Belo Horizonte: SOTER, 2015. p. 400-406.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BENTO XVI. **Verbum Domini: a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja**. Disponível em: < http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini_po.html>. Acesso em: 2 nov. 2019.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.1.
- CELAM. **Documento de Aparecida**. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- IGREJA CATÓLICA. **Gaudium et Spes: a Igreja no mundo atual**. Roma, 1965. Disponível em: < http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 2 nov. 2019.
- JENKINS, Henry. **Convergence Culture**. New York: New York University Press, 2006.
- LE MOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2.ed. Porto Alegre: Sulinas, 2004.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. – São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. PAULO VI. Inter Mirifica, sob os meios de comunicação social. Disponível em < [REVELETEO, São Paulo, v 14, n. 25, p. 59- 74, jan/jun 2020, ISSN 2177-952X](http://www.vatican.va/ar-</p>
</div>
<div data-bbox=)

chive/hist_councils/ii_vatican_council/ documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html> Acesso em: 2 nov. 2019.

MARTÍNEZ, F. D. **Teologia da comunicação**, p. 491.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

PUNTEL, J. T. **A Igreja a caminho na comunicação**. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 41, n. 2, 2011, p. 221-242.

RODRIGUES DA SILVA, Gabriel. **Os meios de comunicação na Igreja Católica: novos rumos e uma Canção Nova**. Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2009.

SPADARO, Antônio. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos de rede**. Tradução Cacilda Rainho Ferrante. – São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **O Mistério da Igreja na era das mídias digitais**. Cadernos Teologia Pública, Ano IX, n. 73. São Leopoldo: IHU – Unisinos, 2012.

_____. **Cybergrace**. E-book Kindle. Milano: 40K, 2013.